

Na borda do centro, ou na borda da borda: algumas reflexões sobre a tradução dos clássicos a partir do corpus de Arquíloco de Paros

Guilherme Gontijo Flores (UFPR/CNPq)

RESUMO

O presente ensaio pretende apresentar brevemente algumas contradições sobre as noções de centro e periferia, quando abordamos obras da Antiguidade e o lugar atual dos Estudos Clássicos, e mais especificamente a partir do corpus literário atribuído a Arquíloco de Paros, poeta da Grécia Arcaica que viveu em meados do século VII a.C., famoso por sua linguagem violenta e por temas hoje desconfortáveis, como misoginia e abuso. Arquíloco já ocupou o centro do cânone antigo e agora é desconhecido da imensa maioria dos leitores de poesia, então qual é afinal o seu lugar? E o que significa, portanto, traduzi-lo hoje? Para exemplificar o problema, são apresentadas duas traduções de poemas menos conhecidos e tradicionalmente atribuídos a Arquíloco, mas que hoje são considerados espúrios e lidos como falsificações do período bizantino.

Palavras-Chaves: *Tradução Poética; Estudos Clássicos; Centro e Periferia.*

ABSTRACT

This essay aims to briefly present some contradictions about the notions of center and periphery, when we approach works from Antiquity, as well as the current place of Classical Studies, starting more specifically from the literary corpus attributed to Archilochus of Paros, a poet from Archaic Greece who lived in the mid-7th century BC, famous for his violent language and themes considered disturbing today, such as misogyny and abuse. Archilochus once occupied the center of the ancient canon and now is unknown to the vast majority of poetry readers, so what is his place? And what does it mean to translate him today? To illustrate the problem, two translations are presented of less known poems traditionally attributed to Archilochus, but which today are considered spurious and read as forgeries from the Byzantine period.

Keywords: *Poetic Translation; Classical Studies; Center and Periphery.*

Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.

(Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história”)

As dinâmicas complexas dos movimentos culturais entre centro(s) e periferia(s) estão no cerne de qualquer conversa pensável sobre literatura hoje. Ao mesmo tempo, devem fazer parte de qualquer debate sério sobre a prática contemporânea de tradução, uma vez que não é mais possível olhar a construção do cânone ocidental com uma pretensa ingenuidade que ali encontre apenas a listagem de “grandes obras da humanidade”, ou coisa do tipo. Nessa situação, eu diria que é preciso repensar profundamente o sentido e a função dos Estudos Clássicos na construção de leitores e leitoras em geral, e mais especificamente na formação de estudantes dos cursos de Letras dentro e fora do Brasil. Isso seria uma discussão enorme, que vem sendo feita em várias instâncias, com passos maiores e menores, que nem pretendo aqui comentar. Pelo contrário, minha intervenção aqui será curtíssima, ensaística, apenas para borrar um pouco os limites quando eles possam parecer claros; talvez um passinho de formiga num universo muito amplo. Gesto e pensamento de mãos dadas.

Sou professor de Latim na Universidade Federal do Paraná desde 2008; e percebo, com alegria, como boa parte do que se espera dos Estudos Clássicos mudou nesse intervalo, que ainda considero curto. Como espaço “fundador” das poéticas ocidentais, o estudo do universo grego e romano sempre esteve no centro do centro do centro. É o material partilhado por todo pensamento Europeu: eu arriscaria dizer que é mesmo o mito unificador – muito mais que a geografia continental, ou as proximidades linguísticas de vários países – que se espalhou sistematicamente pelas universidades ainda em período medieval e se consolidou do Renascimento para cá como fonte quase única das Humanidades. É dessa leitura que emana o preconceito ainda muito difundido da Idade Média como Idade das Trevas, ou mesmo como meramente Média, entre as luzes da Antiguidade e as novas luzes da Modernidade. Ela forma disciplinas que, de um modo ou de outro, estão em todos os cursos de Ciências Humanas desse espectro ocidental que engloba também todas as ex-colônias, nos continentes americano, africano e asiático.

Centro do centro do centro.

O que também gerou sempre a leitura dessa tradição como excelência e altitude. Ou melhor, como exemplo a ser seguido. Já vimos os piores lugares aonde isso vai dar. Desde a propaganda imperial de cortes europeias, passando pelo nosso próprio anseio imperial classicizante sob o reinado de D. Pedro II (um homem que de fato nutriu amor pelas línguas e letras clássicas), chegando mesmo à estética arquitetônica de monumentos fascistas, na Itália, e nazistas, na Alemanha. Por que insisto nisso, que está no campo da obviedade? Porque não podemos cessar de denunciar os usos de um suposto centro como máquina de controle dominação e, muitas vezes, de extermínio. Nesse sentido, a manipulação do cânone é também, com muita frequência, a constituição de um passado inventado a fim de dar vazão a um *status quo* que pouco ou nada tem a ver com o mundo antigo. Seu material é sempre presente. O cânone só existe agora, e tudo que ele busca do passado se ressignifica nas potencialidades, éticas, estéticas e políticas do presente.

11

Daí vem o dilema e talvez a crise geral dos Estudos Clássicos em inúmeros países e instituições. Se historicamente a área parece ter servido a forças conservadoras, reacionárias, estatais e, em última instância, devastadoras, por que manter o seu lugar? Feita assim, a pergunta parece incontornável; e a resposta, certa. Não temos mais porque manter o centro, se ele é a máquina colonial, o fundamento racial, o controle policial sobre corpos vivos no presente. Não precisamos de Estudos Clássicos num pedestal de obras intocáveis; porque isso se funda basicamente no projeto de varrer para debaixo do tapete tudo que não interessa às políticas contemporâneas.

O buraco, no entanto, como sempre, fica mais embaixo. A pergunta mais certa não seria por quê, e sim para quê. Então a reformulo: *Se historicamente a*

área de Estudos Clássicos parece ter servido a forças conservadoras, reacionárias, estatais e, em última instância, devastadoras, para que manter o seu lugar? E respondo sem pestanejar: para que ela se ressignifique fora do centro. Para isso acontecer, sua formulação, sua tensão e seu endereçamento têm de vir da imensa periferia, submeter-se às demandas deliberadamente anacrônicas dessas periferias, inclusive em sentido temporal: ora, todos nós viemos *depois dos clássicos*. Mas *depois* não precisa ser *abaixo* em sentido hierárquico.

O risco, como vocês bem sabem, é jogar fora o bebê junto com a água do banho. Quando olhamos para os clássicos fora do pedestal, quando os questionamos sem distinção hierárquica, vemos um mundo enorme e doloroso. Epistemicídio poderia ser uma palavra-chave para pensarmos as consequências do Império Romano; e propaganda política pode ser o nome de quase tudo que podemos ler na chamada “era de ouro” da poesia romana, onde estão situados os clássicos Virgílio, Horácio e Ovídio, para ficarmos em apenas três nomes mais gritantes. Patriarcalismo misógino é o que encontraremos na estrutura social, política e familiar de Atenas, que mal diferencia uma mulher de uma posse; e o escravagismo estará por toda parte. Cenas de estupro abundam nas narrativas míticas, nas cerâmicas, nos mosaicos, nas pinturas parietais etc. A violência física é um cotidiano quase banal por séculos.

Queremos mesmo esses *exemplos*?

Serão esses os nossos *centros*?

Eu diria que não. Nem há mais como fechar os olhos para tudo isso que parece formar o horror da história passada como continuidade nas histórias presentes. Não é à toa, afinal, que os clássicos que eu citei ainda sejam lidos, mas de um modo muito menos central. Tão menos central que nomes absolutamente canônicos no período antigo greco-romano, chegam a poder ser hoje quase desconhecidos.

Eu venho trabalhando com um desses nomes. Arquíloco de Paros, poeta grego que viveu em meados do século VII a.C.. Para se ter uma ideia do seu impacto, veja só o que nos diz dele Veleio Patérculo, em sua *História de Roma*, 1.5, escrita nos primeiros anos da nossa era: “não encontraremos um autor que tenha sido o primeiro nesse tipo de obra e nela também seja o mais perfeito, a não ser Homero e Arquíloco.” Arquíloco e Homero, emparelhados?

Ainda no século V d.C., o bispo grego Sinésio de Cirene, em seu *Elogio da calvície*, 75b, diria: “Arquíloco, o mais belo dos poetas.” Mais do que Homero, então? Não interessa mesmo esse tipo de resposta. Porém, voltando ao século I, cito Dião Crisóstomo, num dos seus *Discursos* (33.11-12), em que essa comparação reaparece com um detalhe importante, que pede a citação integral:

E como é mesmo melhor atacar e revelar a tolice e miséria das

pessoas, em vez de buscar favores com palavras e corromper os ouvintes com elogios, vocês verão sobretudo com o que vem a seguir. Porque dos dois poetas que, em todas as eras, não podem ser comparados a mais ninguém, isto é, Homero e Arquíloco; Homero louva quase tudo, animais, plantas, água, terra, armas, cavalos, e nada que ele lembra passa por seus ditos sem louvor e honra. O único que ele rebaixa é Tersites, e mesmo assim diz que ele era um orador de voz clara. Já Arquíloco foi ao oposto, censurar, por que via (creio) que os homens precisam muito disso, e em primeiro lugar censura a si mesmo. Por conseguinte, ele foi o único a receber o mais alto testemunho divino depois de morrer e antes de nascer. Quando Apolo expulsou do templo o seu assassino, anunciou que se tratava de um servo das Musas. E depois, quando o assassino tentou se defender dizendo que o tinha matado na guerra, repetiu que Arquíloco era servo das Musas. E quando o pai consultou o oráculo antes do seu nascimento, este proclamou que ele teria um filho imortal.

Então, sim, podemos comparar Arquíloco a Homero, mas há uma diferença primordial na poesia deles. A épica homérica louva os feitos do passado; o iambo arquiloquiano ataca a vida presente, a começar pelo próprio poeta que a escreve. De algum modo, aí está um ponto para entendermos como Arquíloco, que esteve no centro do centro do centro, é hoje um poeta periférico. Sua poesia de riso e violência foi, pouco a pouco, sendo considerada excessivamente baixa, excessivamente rude e perigosa para os padrões de construção de um cânone ocidental que ansiava por proteger a moral e os bons costumes. O corpus Arquíloco nunca foi exemplo pra ninguém. A não ser de poesia. Em mais de um momento, eu já comentei como sua poesia encarna mesmo uma cena de origem da linguagem que mata (cf. Flores, 2018), e não pretendo repetir aqui.

Então, se falo de um poeta desconhecido até de professores universitários, que sobreviveu em estado fragmentário e pouco claro, que não recebeu até hoje uma só tradução integral desses fragmentos em língua portuguesa, eu estaria traduzindo do centro? Sim e não, sem sombra de dúvida. E aí está o desdobramento da questão, que vou refazer.

Se falo de um poeta desconhecido até de professores universitários, que sobreviveu em estado fragmentário e pouco claro, que não recebeu até hoje uma só tradução integral desses fragmentos em língua portuguesa, eu estaria produzindo um novo lugar estável no cânone? Sim e não, sem sombra de dúvida.

Então o que se faz, afinal?

Quero acreditar que, nesse gesto, *não se busca restaurar o poeta ao seu lugar no cânone*. Antes procuro *recolocar a tensão da poesia passada no*

presente. Em outras palavras, quero traduzir em Arquíloco não só aquilo que me serve como modelo e exemplo positivos agora; anseio antes traduzir o seu horror que em nós impera.

O que nos leva aos poemas traduzidos, que apresento agora sem mais detalhes.

Fragmento 327 West

κίδηρός ἐστι μοῖνος ὃν στέργει Κάπυς,
 τὰ δ' ἄλλα λῆρος ἦν ἄρ αὐτῷ πλήν πέους
 ὀρθοστάδην δύνοντος ἐς γλουτῶν μυχοῦς·
 καὶ μέχρι τοῦδ' ἐραστὴν ἀκμένως ὀραῖ,
 ἕως ὑπ αὐτοῦ τέρπεται κεντούμενος.
 ἐπὰν δὲ λήξῃ τοῦτο, τὸν πάρος φίλον
 ἀφείς ὀχευτὰς εὗρε νευρωδεστέρους.
 ὅλοιτο τοίνυν κάξόλοιτο, Ζεῦ, γένος
 ἄπιστον ἄστοργόν τε τῶν κινουμένων.

5

Fragmento 327 West

À espada apenas Cápis vota o seu amor
pra ele o resto é pó exceto um belo pau
ereto mergulhando fundo as nádegas
e só contempla o seu benzinho com fervor
enquanto curte as estocadas de prazer
mas quando acaba sem demora o garanhão
dispensa o lindo e busca uns veiidíssimos
pereça e assim desapareça a raça ó Zeus
da bicharada desamada e desleal.

5

Fragmento 328 West

ἴσος κιναίδου καὶ κακῆς πόρνῃς ὁ νοῦς·
χαίρουσιν ἄμφω λαμβάνοντες κέρματα
κινούμενοί τε καὶ διατρυνώμενοι
βινούμενοί τε καὶ διεσπεκλωμένοι
γομφούμενοί τε καὶ διασφηνώμενοι
χορδούμενοί τε καὶ κατασποδούμενοι.
ἀμφοῖν δ' ὀχευτῆς οὐκ ἀπέχρησέν ποθ' εἶς,

5

G. G. Flores,
*Na borda do
centro, ou na borda
da borda: algumas
reflexões sobre a
tradução dos
clássicos a partir
do corpus de
Arquíloco de Paros*

ἄλλ αἰὲν ἄλλο κάλλο λαταύρων ὄλον
τῆιδήνων ἐκροφούντες ἥδονται πέος,
πειρώμενοί τε μειζόνων καὶ πασσόνων
νεύρων, κυβιστώντων τε διφώντων θ' ὁμοῦ
ἅπαντα τάνδον cύν τε δηιούντων βαθὺ
δεινοῦ βερέθρου χάσμα, καὶ διαμπερὲς
μέσου προκοπτόντων παράχρις ὀμφαλοῦ.
τοιγὰρ καπρῶσα μαχλὰς ἄρδην ἐρρέτω
πασχητιώντων εὐρυπρώκτων cύν γένει·
ἡμῖν δὲ Μουσῶν καὶ βίου καόφρονος
μέλοι φρέαρ τε, τοῦτο γινώσκουσ', ὅτι
ἥδ' ἐστὶ τέρψις, ἥδ' ἀκίβδηλος χαρά,
ἥδ' ἡδονὴ πέφυκε, μὴ συνειδέναί
αἰσχρᾶι ποθ' ἡδυνθεῖσιν αὐτοῖς ἡδονῇι.

Fragmento 328 West

Viado e puta tosca têm a mente igual
ganhar dinheiro é a grande graça para os dois
apassivados ou perfuradíssimos
arregaçados ou penetradíssimos
amartelados ou dilatadíssimos
amacetados e derrubadíssimos
nenhum dos dois aceita só um garanhão
mas sempre assume seu deleite mais e mais
provando em cada cabra safo um novo pau
testando varas mais taludas mais viris
que vão entrando e desbravando de uma vez
e revirando tudo fundo ali no breu
rasgando o abismo horrendo do seu poço até
tocar o umbigo exato do seu ônfalo
pois que se foda uma rampeira meretriz
e toda aquela bicharada de cuzões
mas que nos interessem mais a vida sã
e as Musas por reconhecemos logo que o
prazer é isso é isso o gozo autêntico
deleite é isso e não compartilhar
com quem na vida goza um mero gozo vil.

Os dois fragmentos, que poderíamos chamar anacronicamente de homofóbicos, e também de misóginos, são poemas completos citados sob o

nome de Arquíloco num códice do século XVII, o Códice do Vaticano Barb. gr. 69, f. 104r. O consenso atual é considerá-los como peças forjadas no período bizantino com alguns toques de dialeto jônico, porém sem realmente conseguir emular o estilo arcaico que estaria na poesia do homem Arquíloco de Paros (novamente, não terei tempo de discutir o sentido desse *corpus* construído em séculos, mas sugiro a introdução aos *Fragments complets de Safo*, 2017). Ao mesmo tempo, pode-se argumentar que o moralismo e a virulência do tom também não cabem com o que conhecemos da poesia grega arcaica, mesmo nos fragmentos mais invectivos de Semônides de Hamorgos (séc. VII a.C.) ou Hipônax de Héfeso (séc. VI-V a.C.). Além disso, um ponto serve de consenso entre estudiosos contemporâneos de Arquíloco: o ataque ao prazer sexual parece quase incabível no *corpus* arquiloquiano que conhecemos até o momento; e também é rara a invectiva contra a homossexualidade (exceto os fragmentos 169 e 170, e ainda assim em discussão). A isso se soma que o termo κίναϊδος (“cinedo”, uma espécie de dançarino erótico e afeminado) não é atestado antes do século V a.C. Conclusão: o editor Martin L. West colocou os poemas, acertadamente, na categoria de espúrios, isto é, atribuições falsas do nome de Arquíloco; e o consenso de comentadores e editores é de manter os poemas nesse lugar. São peças forjadas no período bizantino, imitações muito tardias de Arquíloco; portanto, periferia de um ex-centro: borda do centro antigo, hoje borda da borda, que eu traduzo. E mais: encarnam, numa poética vertiginosa e tecnicamente bem realizada, ideias que eu desprezo e repudio, como intelectual brasileiro do século XXI.

16 O português Carlos Martins de Jesus, para ficarmos no único exemplo mais alentado, em sua tradução de *Fragments poétiques* de Arquíloco (2008), verteu as duas peças, mas não teceu maiores comentários críticos sobre seus problemas filológicos, poéticos, éticos e interpretativos. Também não tenho nenhuma recordação de que tenham sido analisados por Paula da Cunha Corrêa (2009, 2010), professora de grego da USP, especialista em Arquíloco. Não estou criticando negativamente o trabalho de Martins de Jesus ou de Corrêa a partir de um aspecto que nem estava em seus projetos de pesquisa. Apenas atento, na experiência tradutória e poética, àquilo que silencia as bordas; e dali parto para o que posso agora fazer com o pouco que tenho e o tanto que me fascina. Justamente por serem julgados espúrios, é comum e até esperado que esses fragmentos não sejam incluídos em trabalhos reunindo ou comentando a obra de Arquíloco, o que é razoável do ponto de vista da crítica filológica interessada em circunscrever aquilo que poderia ter sido, com mais segurança, a parte que nos resta da obra do poeta historicamente datado. Já a abordagem que proponho nos últimos anos busca incorporar no *corpus* a recepção do poeta ao longo dos séculos, inclusive no que foi escrito à sua moda, em seu nome, como perpetuação de um sistema específico de pensamento.

Por que, então, traduzo? E para quê?

Porque é preciso ressignificar os Estudos Clássicos desde dentro. Neste caso específico, para formular um *corpus* corroído desde as estruturas. Porque esse é o mundo clássico que quero dar ler. E para que o mundo clássico esteja já poroso pelas leituras que fizeram dele.

Traduzo porque, de algum modo, a poesia violenta de Arquíloco, junto com seu *corpus* construído na Antiguidade, parece ter passado por transmutações que incorporavam as moralidades sexuais de outros tempos, talvez a partir das imagens de sexo e humilhação já presentes no *corpus* arcaico, para desaguarem numa poesia que diz tudo sobre moralidade cristã no mundo bizantino.

Mário Faustinotemaquele adágio provocador: “O poeta contemporâneo tem de ser perigoso como Dante foi perigoso. [...] que o poema viva em função do tempo, do espaço e do homem – contra ou a favor, nunca *indiferente*” (1977, p. 37-38). Nós poderíamos parafraseá-lo para o gesto da tradução; mas não para dizer que o tradutor deve ser perigoso *como o autor*. Não é nada disso. O tradutor precisa dar à tradução, ao gesto duro de traduzir, sua parcela de perigo. Se traduzo a borda de uma borda de Arquíloco, quer dizer que a endosso? Em tempos de cancelamento, essa poderia ser uma resposta rápida demais; um risco inescapável. Eu não endosso. Então, por que traduzo? Para expô-lo, expor seus perigos de então em novos perigos de agora. Uma língua que mata deve ser intocável? Suas bordas, periferias, seus descentros nos conclamam a partir das suas contradições inerentes. E apresentam perigos.

Não traduzo o centro para centralizá-lo. Nem para dar respostas fáceis. Algo aqui incomoda e precisa mesmo incomodar profundamente. Precisa atestar camadas de horror, lembrar que, nas palavras muito repetidas de Walter Benjamin (1994, p. 225): “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.”

Traduzo para pensá-lo, contrapensá-lo, pesá-lo, contrapesá-lo.

Traduzo um pouco a contrapelo, porque calá-lo mais seria o gesto em que nos calo.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 1: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORRÊA, Paula da Cunha. *As armas e os varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. 2.ed. São Paulo: Edunesp, 2009.

_____. *Um bestiário arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Unicamp, 2010.

FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. Organização de Benedito Nunes. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FLORES, Guilherme Gontijo. *Safo: fragmentos completos*. São Paulo: 34, 2017.

_____. *A mulher ventriloquada: o limite da linguagem em Arquíloco*. Rio de Janeiro: Zazie, 2018.

MARTINS DE JESUS, Carlos A. *Arquíloco: fragmentos poéticos*. Introdução, tradução e notas de Carlos A. Martins de Jesus. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 2008.

WEST, Martin Lichtfield. *Delectus ex iambis et elegis Graecis*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

_____. *Iambi et elegi ante Alexandrum cantati*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 1998.